

## O RETORNO À FORMAÇÃO: POR UMA ÉTICA DA PALAVRA\*

Publicado em *UM Retorno a Freud* - Organizado por Nina Virgínea de Araújo Leite e Flávia Trocolo - Campinas: Mercado de Letras, 2009

Márcio Mariguela

Na chamada para a VII Jornada Corpolingüagem, a Comissão Organizadora destacou questões que pautaram o tema central desse evento: Um retorno a Freud. “O que significa, hoje, retornar a Freud? O que o retorno a Freud de Jacques Lacan nos ensinou quanto ao que é da ordem de um retorno necessário? Por que o tema de um retorno continua sendo fundamental para discursividades que, segundo Foucault, inauguraram uma matriz inédita de pensamento?”.

Ensaiei uma reflexão articulando o retorno a Freud de Jacques Lacan com o problema da formação do psicanalista e destacando a relevância desse empreendimento pelas sucessivas interrogações que Lacan endereçou à prática de formação de psicanalistas estandardizadas pela Associação Psicanalítica Internacional. Para tanto, vou seguir as indicações apresentadas na lição XII de 26/02/1969 do Seminário 16 - *De um Outro ao outro*. A escolha dessa lição deve-se, em especial, ao fato de que nesse dia, Lacan fez referência à conferência “O que é um autor?”, proferida por Michel Foucault na Sociedade Francesa de Filosofia. Dessa escolha pretendo argumentar que o retorno a Freud foi à estratégia de Lacan para restituir “a lâmina cortante da verdade” e ao mesmo tempo definir que a ética da psicanálise implica numa ruptura radical com as práticas moralizantes que submeteram a formação do psicanalista ao um conjunto de enunciados com propósitos adaptativos e normalizadores.

### I -

---

\* Trabalho apresentado na mesa “A formação do psicanalista” na VII Jornada Corpolingüagem, promovido pelo Grupo de Pesquisa SemaSoma do Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, outubro/2007. [A primeira parte deste trabalho encontra-se no artigo “Genealogia da Ética: o sujeito em questão” publicado na revista *ETD – Educação Temática Digital: Cuerpo, Lenguaje y Ensenanza*, vol.8, 2007].

As diferentes posições de Foucault sobre a psicanálise em geral e sobre Freud em particular são temas recorrentes nos trabalhos dos autores que investigam a obra do filósofo francês<sup>1</sup>. Jacques Derrida, por exemplo, analisou o lugar de Freud na obra *A História da Loucura*, designando a função dobradiça ocupada por Freud na escrita de Foucault, duplo movimento de articulação, alternância de abertura e fechamento: “movimento alternativo que sucessivamente abre e fecha, aproxima e afasta, repudia ou aceita, exclui ou inclui, desqualifica ou legitima, domina ou liberta” (Derrida 1994, p.62).

Essa designação de Derrida pode ser aplicada ao conjunto da obra de Foucault. Freud ocupou uma função dobradiça nas pesquisas realizadas em torno da arqueologia do saber, da genealogia do poder e na genealogia da ética. É como função dobradiça que podemos acompanhar a presença de Freud na escrita de Foucault: uma alternância que abre para uma interlocução profícua, ao considerá-lo como instaurador de discursividade, inaugurando uma nova hermenêutica na cultura ocidental contemporânea e; ao mesmo tempo, fecha no que diz respeito àquilo que os pós-freudianos da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) fizeram de Freud, sobretudo, transformando a psicanálise numa prática clínica adaptativa.

Pretendo sustentar que a visada de Foucault sobre Freud é recorrente pela função autor que reconhece atuar na tática genealógica.<sup>2</sup> A obra de Freud foi interpretada por Foucault como a inauguração de uma nova hermenêutica que interroga sem cessar a constituição da psiquiatria e demais ciências humanas no conjunto das ciências positivas.

Ao entrar no jogo da relação de Foucault com a psicanálise sempre estamos em risco, pois, no mínimo, pode-se argumentar que tal diálogo é multifacetado e marcado, fundamentalmente, por uma ambivalência: há um Foucault em permanente diálogo com Freud, considerando-o instaurador de discursividade; e há um Foucault nitidamente crítico em relação à prática psicanalítica de tratamento das neuroses e psicoses. Também se pode

---

<sup>1</sup> Mauro Vallejo (2006) em seu livro *Incidencias em el psicoanálisis de la obra de Michel Foucault*, construiu uma trajetória singular assumindo a posição de que os textos de Foucault incidem sobre a psicanálise em sua história, em seu discurso elucidando suas regularidades entre objetivos, métodos e técnicas. Ernani Chaves (1988), por sua vez, afirmou que o texto freudiano é uma sombra permanente que atravessa em vários níveis a escrita de Foucault. Renato Mezan (1985), considerou que a sombra da psicanálise acompanhou Foucault durante os trinta anos de sua produção filosófica: lugar múltiplo, "a cada meandro do percurso de Foucault, ela se aloja em outro espaço, configura-se em outras redes de relações, desenha outros perfis de significação (Mezan 1985, p.95).

<sup>2</sup> Desenvolvi este argumento no primeiro capítulo, “A função autor na instauração da discursividade”, do livro *Psicanálise e Surrealismo: Lacan o passador de Politzer* (Mariguela 2007).

reconhecer Foucault como um genealogista da implantação da psicanálise na França e os avatares de tal recepção da obra freudiana.

É certo que Foucault leu o único livro publicado por Lacan: *Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade*, sua tese de doutorado em psiquiatria em 1932. O título escolhido por Foucault para seu primeiro livro, publicado em 1954, bem o demonstra: *Maladie mentale et personnalité*. É um marco interessante para acompanhar suas posições sobre Freud e a psicanálise, traçar a gênese do interesse de Foucault por Lacan a partir desse livro, encomendado por Louis Althusser para uma coleção destinada aos estudantes. O pequeno livro foi reeditado em 1962, e não só mudou de título, *Maladie mentale et psychologie*, como também passou por uma revisão completa de seu conteúdo<sup>3</sup>, demonstrando assim a alternância apontada por Derrida no conjunto da obra de Foucault.

Outro aspecto singular que permite analisar o interesse de Foucault por Lacan diz respeito ao tema do *retorno a...* Na conferência “O que é um autor?”, pronunciada por Foucault em 1969 na Sociedade Francesa de Filosofia, encontra-se os argumentos que atestam a relevância desse tema que percorria transversalmente os debates na cena filosófica parisiense<sup>4</sup>. Lacan estava presente na conferência de Foucault e, como veremos, disse que se sentiu convocado ao receber o convite enviado pela Sociedade, pois nele estava escrito que o tema seria o *retorno a...* A reticência, como sabemos, é um sinal de pontuação indicativa, num texto, da interrupção do pensamento (por ficar, em regra, facilmente subentendido o que não foi dito), ou omissão intencional de coisa que se devia ou podia dizer, mas apenas se sugere, ou que, em certos casos, indica insinuação, segunda intenção, emoção. Lacan considerou-se incluído na reticência e foi ouvir o que Foucault tinha a dizer sobre a função autor e o *retorno a...*

---

<sup>3</sup> Pierre Marcherey (1985) comparou passo a passo as duas versões para traçar a arqueologia do pensamento de Foucault sobre a doença mental e a loucura apontando os deslocamentos realizados entre a edição de 1954 e a de 1962.

<sup>4</sup> Em 1964, Louis Althusser publicou na revista *La Nouvelle Critique* um artigo intitulado “Freud e Lacan” apontando pela primeira vez na cena filosófica, o trabalho empreendido por Lacan. Denunciando o revisionismo da escola americana que reduzia a descoberta de Freud a um biologismo reacionário, anunciou o trabalho urgente de um retorno a Freud a partir de três critérios fundamentais: “recusar, como grosseira mistificação, a camada ideológica de sua exploração reacionária; evitar cair nos equívocos, mais sutis, e sustentados pelos prestígios de algumas disciplinas mais ou menos científicas, do revisionismo psicanalítico; e, finalmente, consagrar-se a um trabalho sério de crítica histórico-teórica, para identificar e definir, nos conceitos que Freud tende empregar, a verdadeira relação epistemológica existente entre esses conceitos e o conteúdo que eles pensavam” (Althusser 1985, p. 48). Assim, Althusser concluiu sua nota preliminar afirmando que esse triplice trabalho de crítica ideológica e de elucidação epistemológica foi inaugurado na França por Jacques Lacan.

Foucault considerou o tema escolhido para sua conferência um bom motivo para retomar um certo aspecto de seu livro *As Palavras e as Coisas*, publicado em 1966. Nesse livro, não se tratava de fazer referências às idéias, ao pensamento de um determinado autor, mas sim de fazer operar um nível de discursividade que a noção do autor garante. Foucault afirmou que em seu livro há uma tentativa de analisar as massas verbais, espécies de planos discursivos, que não estavam acentuados pelas unidades habituais do livro, da obra e do autor (Foucault 2001, p. 266). É assim que nomes de autores como Buffon, Cuvier, Ricardo, Marx são apresentados como unidades discursivas. Não se tratava de fazer referências às idéias, ao pensamento de um determinado autor, mas sim de fazer operar um nível de discursividade que a noção do autor garante. Nessa perspectiva, a questão da função autor se impõe como decisiva para demarcar o campo de trabalho de Foucault e, desse modo, destacar o procedimento genealógico que vigorou em suas obras a partir da década de 1970<sup>5</sup>.

Com essa advertência preliminar, Foucault procurou acertar as contas com as críticas recebidas após a publicação de seu livro, anunciando para breve um estudo sobre o tema. De fato, no mês seguinte, publicou *A Arqueologia do saber*, no qual expressou o alcance de sua arqueologia das unidades discursivas:

não é mais saber por que caminhos as continuidades se puderam estabelecer; de que maneira um único e mesmo projeto pôde-se manter e constituir, para tantos espíritos diferentes e sucessivos, um horizonte das transmissões, das retomadas, dos esquecimentos e das repetições; como a origem pode estender seu reinado bem além de si própria e atingir aquele desfecho que jamais se deu – o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos (Foucault 1987, p. 7).

---

<sup>5</sup> Ver o artigo "Nietzsche, a genealogia e a história", apresentado no Colóquio em Homenagem a Jean Hyppolite, na Escola Normal Superior, em janeiro de 1969, do qual participaram Louis Althusser, Suzanne Bachelard, Michel Henri, Jean Laplanche, Jean-Claude Pariente e Michel Serres. Foucault assinou o prefácio da edição dessa homenagem, publicada pela PUF em janeiro de 1971.

Na última parte de sua conferência, Foucault aplicou seus enunciados sobre a função autor a um determinado campo (ou unidade) discursivo. Para tanto, interrogou a legitimidade do autor na fundação de uma disciplina, o significado do movimento de *retorno a...* e as transformações que tal retorno opera no campo discursivo em questão. Freud e Marx foram eleitos como exemplares para investigar a função autor: os considerou fundadores de discursividade e, desse modo, considerou que esses autores ocuparam uma posição transdiscursiva na história efetiva dos saberes contemporâneos.

Desse modo, Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou do *Mot d'Esprit*, mas sim aquele que estabeleceu uma possibilidade indefinida de discursos: tornou possível um certo número de analogias e diferenças; abriu o espaço para outra coisa diferente dele e que, no entanto, pertence ao que ele fundou. Dizer que Freud fundou a psicanálise significa afirmar que ele tornou possível um certo número de diferenças em relação aos seus textos, aos seus conceitos, às suas hipóteses, que dizem respeito ao próprio discurso psicanalítico. Há equívocos em admitir que a psicanálise é o que está contido nas obras completas de Freud: isso porque, "desenvolver um tipo de discursividade como a psicanálise, tal como ela foi instaurada por Freud, não é conferir-lhe uma generalidade formal que ela não teria admitido no ponto de partida, é simplesmente abrir-lhe um certo número de possibilidades de aplicações" (Foucault 2001, p. 283). O nome do autor cria um campo de operacionalidade dando o estatuto a um discurso: o autor é uma função **no** discurso e não **do** discurso.

A temática do *retorno a...* se impõe como um movimento com sua própria especificidade, caracterizando, justamente, as instaurações de discursividade. Esse ato instaurador é re-visitado, não para depreender uma origem primeira e esquecida do sentido do texto, pois não há sentido originário a ser descoberto, trazido à luz, através de sucessivas interpretações. Logo, o *retorno a...* não equivale a uma exegese bíblica: o retorno é marcado por um vazio, uma lacuna.

Retorna-se a um certo vazio que o esquecimento evitou ou mascarou, que recobriu com uma falsa ou má plenitude, e o retorno deve redescobrir essa lacuna e essa falta; daí o perpétuo jogo que caracteriza esses retornos à instauração discursiva. [Nessa perspectiva], o reexame dos textos de Freud modifica a própria psicanálise (Foucault 2001, pp. 284-285).

Admitindo que Freud instaurou uma discursividade, a psicanálise, toda uma rede de proliferação de sentido pode ser deduzida. Freud produziu, como autor, a possibilidade e a regra de formação de outros discursos que ao se remeterem à psicanálise não poderão mais sustentar sua validade por um recuo ao sentido originário. Por isso, Foucault disse que Freud não tornou apenas possível certo número de analogias, ele tornou possível, certo número de diferenças ao abrir o espaço para outra coisa diferente dele e que, no entanto, pertence ao que ele fundou.

Assim, o retorno a Freud implicou a re-inscrição de um discurso num domínio novo, pois “retorna-se ao que está marcado pelo vazio, pela ausência, pela lacuna no texto. Retorna-se a um certo vazio que o esquecimento evitou ou mascarou, que recobriu com uma falsa ou má plenitude e o retorno deve redescobrir essa lacuna e essa falta” (Foucault 2001, p. 285). Daí esse perpétuo jogo que caracteriza esses retornos à instauração discursiva, como afirmou Foucault, “jogo que consiste em dizer por um lado: isso aí estava, bastaria ler, tudo se encontra aí; e, inversamente: não, não esta nesta palavra aqui, nem naquela ali, nenhuma das palavras visíveis e legíveis diz do que se trata agora” (Foucault 2001, p. 285). Segue-se que a releitura dos textos de Freud modifica a própria psicanálise.

No espaço do debate, após a conferência, Lacan tomou a palavra para dizer que se sentiu convocado para estar presente porque lera os enunciados do convite e notara que Foucault trataria do *retorno a...* Considerou que por retorno é possível entender muitas coisas, mas o retorno a Freud foi uma espécie de bandeira que levou em punho na conquista do campo freudiano: “nesse aspecto, só posso agradecer-lhe: você correspondeu inteiramente à minha expectativa. A propósito de Freud, evocando especialmente o que significa o retorno a, tudo o que você disse me parece, pelo menos do ponto de vista em que eu pude nele contribuir, perfeitamente pertinente”<sup>6</sup> (Foucault 2001, p. 297).

---

<sup>6</sup> Mayette Viltard, no artigo “Foucault-Lacan: la lección de las Meninas”, destacou a influência discreta e importante que o trabalho de ambos exerceram mutuamente no percurso de elaboração de suas pesquisas: “No se podría hablar de diálogo, cada uno prosigue su propia aventura. Sus respectivas obras, contemporaneas, tienen evidentemente más de um ponto de concordancia. Sin embargo, se puede ir más lejos y adelantar que en ciertos momentos las afirmaciones de cada uno de ellos sobre una dificultad que les era común tuvieron un efecto de encuentro con las de otro” (Viltard 1999, p.116). Após destacar a importância da conferência “O que é um autor?” sobre Lacan, a autora elegeu outros três momentos [a presença de Foucault na sessão de 18/05/1966 do seminário de Lacan *O Objeto da Psicanálise*; uma carta de Lacan a Foucault, datada de 08/03/1968; e finalmente, as palavras de Foucault diante do grupo da revista *Ornicar?* no começo de 1976] de um encontro em que eles se falaram, destacando uma dificuldade comum entre eles no final da década de 1969: como analisar, cada uno em su terreno, el hecho que los estructuralistas, quienes deberían Haber sido

## II -

Na Lição XII (26/02/1969) do seminário *De um Outro ao outro*, Lacan iniciou seu discurso com uma constatação e advertência:

é bem possível que vocês não saibam muito bem aonde estamos. Eis porque o tempo me pareceu oportuno, e não de uma maneira contingente, para colocar a questão do meu título, por exemplo, *de um Outro ao outro*, sob o qual figura meu discurso deste ano (...). É preciso, ao menos, ter percorrido um pedaço do caminho para que, por retroação, a partida se esclareça, isso não somente para vocês, mas, afinal de contas, para mim mesmo (Lacan 2004, p.175)

Para retrair, por retroação, o caminho percorrido de seu ensino, Lacan definiu seu seminário de 1959-1960 sobre *A Ética da Psicanálise*. Ao definir esse seminário como ponto de partida para anunciar *o acontecimento Freud*, Lacan narrou o que ouviu de Michel Foucault na sessão de 22 de fevereiro da Sociedade Francesa de Filosofia: “tenho, agora, na data em que estamos, a satisfação de ver, por exemplo, naquilo que diz respeito à função de um autor como Freud, eu diria que uma sociedade de espírito bastante aberto encontra-se em condições de medir sua originalidade” (Lacan 2004, p.176). Destacando a relevância da questão título da conferência, afirmou que Foucault colocou na vanguarda de toda sua articulação, a função do *retorno a...*

Ele colocou três pontinhos depois, no pequeno anúncio que fez do seu projeto de interrogação *O que é um autor?* O retorno a... encontrava-se no final, e, devo dizer que, por esse único fato, considere-me como sendo convocado, não existe ninguém, afinal de contas, em nossos dias que, mais do que eu, tenha dado peso ao retorno a..., a propósito do retorno a Freud. Ele o valorizou, de resto, muito bem e mostrou sua perfeita informação do sentido muito especial, do ponto chave que constitui esse retorno a Freud (Lacan 2004, pp. 176-177).

---

los más aptos para tomar en cuenta la materialidade Del signo, se convirtieran paradójicamente em su tumba? (Viltard 1999, p.117).

Qual o ponto chave destacado por Foucault em seus comentários sobre o retorno a Freud? Como demonstrei, ao designar a função autor que Freud ocupa na psicanálise, Foucault concluiu que Freud não apenas tornou apenas possível certo número de analogias, ele tornou possível, certo número de diferenças, ao abrir o espaço para que outra coisa diferente dele pudesse existir e que, no entanto, pertence ao que ele fundou. O retorno a Freud de Lacan é a inscrição de uma diferença no campo instaurado por Freud: a psicanálise. Por isso Lacan demarcou o ponto de partida de seu empreendimento: o seminário *A ética da psicanálise*, por considerar que naquela época (1959-1960) dirigia-se a um auditório de psicanalistas e que isso implicava desconstruir a consciência moral impregnante no processo de formação e, desse modo, demarcar os trilhos de uma ética do psicanalista.

Observemos que Lacan refere-se à ética da psicanálise como estratégia para instaurar a ética do psicanalista. Desse modo, disse ele

o que anunciei no início do jogo é que, em nome do acontecimento Freud, o que é trazido à luz é que o ponto chave, o centro da ética não é outra coisa senão aquilo que frisei, então, como termo último dessas três referências, categorias de onde fiz partir meu discurso inteiro, a saber, o Simbólico, o Imaginário e o Real; como vocês sabem, é no Real que designei o ponto pivô do que concerne à ética da psicanálise (Lacan 2004, p.177).

Designar, *por retroação*, o Real como o ponto pivô da ética da psicanálise implicou uma nova articulação sobre o *Das Ding* que resgatou a assertiva de Freud em interpretar o sonho como um rébus, pois “quando interpretamos um sonho, aquilo que nos guia não é com certeza ‘o que isso quer dizer?’, e nem tampouco ‘o que ele quer para dizer isso?’, mas ‘o que, ao dizer isso, isso quer?’”. Aqui encontramos um ponto de giro fundamental: isso diz algo sem saber o que diz. “Isso quer dizer que o saber sobre o inconsciente, a saber, que existe um saber que diz ‘existe, em algum lugar, uma verdade que não se sabe’ e é aquela que se articula no nível do inconsciente, é aí que devemos encontrar a verdade sobre o saber” (Lacan 2004, p.188).

Admitindo que o retorno a Freud empreendido por Lacan não cessou de interrogar a formação do psicanalista podemos indicar, a título de conclusão, um exemplo retirado do



Relatório do Colóquio de Royaumont, em julho de 1958, quando Lacan apresentou “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. Iniciou sua exposição com uma pergunta inquietante: Quem analisa hoje? Por suposto, Lacan remetia a questão aos psicanalistas de seu tempo e lançava-se como esfinge devoradora: “hoje em dia já nem se faz cerimônia em declarar que, sob o nome de psicanálise, está-se empenhado numa 'reeducação emocional do paciente'" (Lacan 1998, p.591). Citou diferentes passagens de um livro publicado naquele período com o sugestivo título: "A psicanálise hoje". Reproduzo uma das pérolas pinçadas por Lacan: *o importante não é tanto o que o analista diz ou faz, mas o que ele é*. Se o propósito de uma análise é reeducar os sentimentos do paciente, o analista certamente pode ser alinhado as atividades pastoris: tal como um padre, um pastor ou um psicótico que julga ser portador de alguma verdade revelada. A terapêutica que é necessária para reeducar os sentimentos fica restrita ao campo da distinção metafísica do bem e do mal, do ego forte e do ego fraco.

Se o psicanalista é, certamente, aquele que dirige o tratamento, isso implica que o princípio ético fundamental aqui em questão: o psicanalista não deve de modo algum dirigir o paciente. Daí segue a conclusão: “A direção de consciência, no sentido do guia moral que um fiel do catolicismo pode encontrar neste, acha-se aqui radicalmente excluída” (Lacan 1998, p.592). Pois, como advertiu Lacan, fazer com que o paciente esqueça que se trata apenas de palavras, não justifica que o próprio analista o esqueça.

Uma ética da palavra que possa sustentar a formação do psicanalista requer um preço, pois o paciente não é o único com dificuldades de entrar com sua cota. Também o psicanalista tem que pagar: com palavras em seus efeitos de interpretação; com sua pessoa, na medida que a empresta como suporte aos fenômenos singulares da transferência; e com o que há de mais essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser (Lacan 1998, p.593).

Finalizando, Foucault reconheceu no retorno a Freud de Lacan o ponto decisivo para suas pesquisas em torno da genealogia da ética que restituiu as relações entre o sujeito e a verdade. Numa entrevista afirmou: “Parece-me que o que constituiu todo o interesse e a força das análises de Lacan é precisamente isto: o fato de Lacan ter sido o primeiro, desde Freud, a querer recentrar a questão da psicanálise no problema das relações entre o sujeito e

a verdade: a do preço que o sujeito tem que pagar para dizer a verdade, e a do efeito, no sujeito, do fato de ele poder dizer a verdade sobre si mesmo” (apud Rajchman 1993, p.21).

De igual modo, Lacan reconheceu em Foucault um interlocutor com o qual seu retorno a Freud pôde ser enlaçado com a formação do psicanalista, resgatando assim, a possibilidade de uma ética da palavra.

### **Referências Bibliográficas**

ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan..* Rio de Janeiro, Graal, 2ª ed., 1985.

CHAVES, E. *Foucault e a psicanálise.* Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.

DERRIDA, J. "Fazer justiça a Freud". In: *Foucault: Leituras da História da Loucura.* Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2ªed., 1984.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do Saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª ed., 1987.

\_\_\_\_\_. “Lacan, o ‘Libertador’ da Psicanálise”. In: *Ditos & Escritos I – Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise.* Organizador: Manoel Barros da Motta, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999, pp. 298-299.

\_\_\_\_\_. “Nietzsche, a genealogia e a história”. In: *Ditos & Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.* Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000, pp. 260-281.

\_\_\_\_\_. “O que é um Autor?” *Ditos & Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.* Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001, pp. 264-298.

LACAN, J. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” In: *Escritos.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, pp. 591-652.

\_\_\_\_\_. *Seminário 1968-1969: De um Outro ao outro.* Publicação não comercial exclusiva para membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2004.

MARCHEREY, P. “Nas origens da História da Loucura: uma retificação e seus limites”. In: RIBEIRO, R.J. (org.) *Recordar Foucault.* São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 47-71.

MARIGUELA, M. *Psicanálise e Surrealismo: Lacan, o passador de Politzer.* Piracicaba-SP, Jacintha Editores, 2007.

MEZAN, R. “Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise”. In: RIBEIRO, R.J. (org.) *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.94-125.

RAJCHMAN, J. *Eros e Verdade – Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

VALLEJO, M. *Incidencias em el psicoanálisis de la obra de Michel Foucault: prolegómenos a uma arqueologia posible del saber psicoanalítico*. Buenos Aires: Letra Viva, 2006.

VILTARD, M. “Foucault-Lacan: la lección de las Meninas”. In: *Litoral 28 – La opacidad sexual II: Lacan-Foucault*. Revista da *École Lacanienne de Psychanalyse*, Córdoba-Argentina: EDELP, 1999, p.115-161.

### **Márcio Mariguela**

Psicanalista; Membro da Escola de Psicanálise de Campinas; Professor de História da Filosofia Contemporânea na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); Doutor em Educação pela UNICAMP; Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos e Pesquisas Diferenças e Subjetividades em Educação - DIS (FE/UNICAMP). E-mail: [mmariguela@gmail.com](mailto:mmariguela@gmail.com)